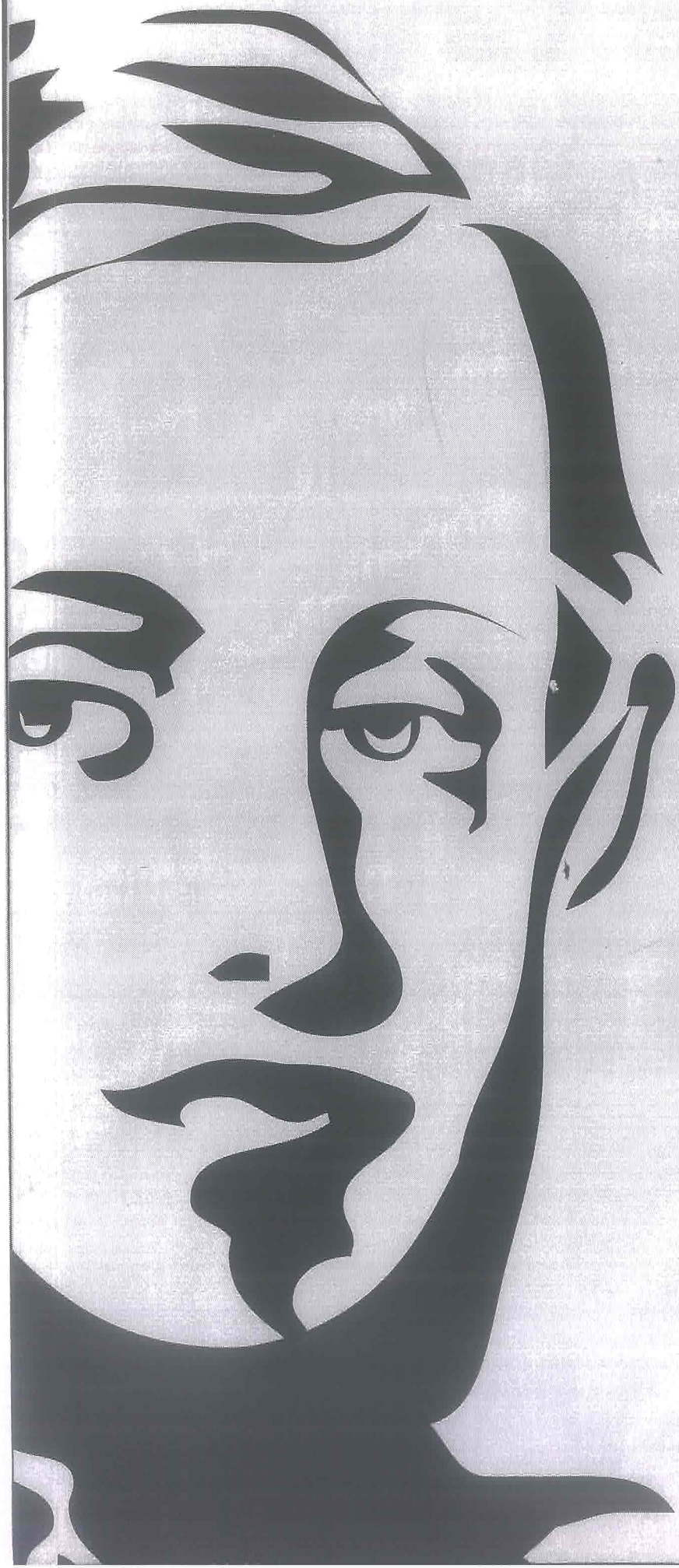




ALMEIDA DE GARRETT

SIMPÓSIO ► ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALMEIDA GARRETT

Portugal e a Europa: Garrett e o seu tempo (1799-1854)

Prof. Dr. Luís Alberto Alves
Universidade do Porto

1. Preâmbulo

"(...) Ponde os olhos no povo francês, no grande povo, no povo modelo de outros povos, e vereis quanto pode a 56, desajudada e desarmada força de uma nação que ousa querer, e fortemente sabe querer ser livre. Imitai-a nessa deliberada e resoluta vontade; imitai-a em seu valor na peleja, em sua constância quando vencida, na moderação quando vencedora.

*Em dois grandes escolhos se perde a liberdade; na tibieza com que se defende, ou na demasia com que dela se goza: evitemos um e outro (...)."*¹

A incursão de um aprendiz de historiador num Simpósio mais vocacionado para a análise da obra literária de um dos expoentes da literatura oitocentista, não pode deixar de merecer uma justificação o mais plausível possível. Sendo o pretexto o mesmo – Garrett – cumpre-me analisá-lo à luz da sua época, do seu contexto histórico, das suas ideias de Europa, do papel que atribua a Portugal na difusão das ideias liberais e da esperança que tinha de ver o nosso País a alterar a sua imagem no quadro das potências da época.

Garrett é capaz de tudo isto porque viveu numa época particularmente rica em transformações e, sobretudo, porque foi verdadeiramente filho dessa época. Filiação que vem do seu tempo histórico: de 1799 a 1854 encontramos o período de influência ideológica da revolução francesa, tanto pela via clandestina (imprensa da emigração política), como pela via da violentação militar (invasões francesas 1807, 1809 e 1810);

encontramos o difícil tempo da instauração do liberalismo em Portugal (1820-1834) que o obrigou mesmo a alguns exílios tanto na Europa como na Terceira, e é ainda o tempo para mostrar a sua generosidade e militância em algumas das reformas que o triunfo definitivo do liberalismo permitirá concretizar (da redacção da legislação de Mouzinho da Silveira, à reforma do ensino ou à fundação do Teatro Nacional e do Conservatório).

É esta participação de Garrett num período particularmente rico e conturbado que importa analisar não para o acusar de algumas contradições mais aparentes do que reais – a aceitação do título de visconde com cheiro a antigo regime – mas para ajudar a perceber a sua obra e o seu papel no Portugal de oitocentos.

2. Portugal à procura de uma identidade

"(...) Penso que Portugal- sobretudo o Portugal dos séculos XIX e XX - tem um problema de imagem. Enquanto indivíduos, os Portugueses vivem-se, normalmente como pessoas sem problemas, pragmáticas, adaptáveis às circunstâncias, confiantes na sua boa estrela, herdeiros de um passado e de uma vida sempre duramente vividos mas sem fracturas ou conflitos particularmente dolorosos ou trágicos.

(...) Até ao século XIX - momento em que a Europa, em plena revolução económica, política e social, nos entra em casa, militarmente com as invasões napoleónicas e ideologicamen-

¹ ALMEIDA GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de - *Portugal na Balança da Europa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978, p. 19.

*te com o modelo liberal -, só uma pequena elite, em geral de experiência cosmopolita, era sensível à imagem de Portugal no espelho dos outros, ou no olhar dos outros. A relação dos Portugueses consigo mesmos, sem termos de comparação concreta, era alheia ao complexo de inferioridade que pouco a pouco se difundiu no escol da sociedade portuguesa do século XIX e culminou no processo público feito ao passado português pela geração de Antero, Eça de Queirós e de Oliveira Martins. A consciência da nossa marginalidade, espicaçada pela memória romântica do século XVI e do nosso papel nessa época, atingiu então o seu nível mais doloroso. A Europa é ao mesmo tempo o modelo a imitar e o nosso desespero pela distância que dela nos separa (...)."*²

É para esta imagem e para tentar encurtar as distâncias que trabalha a geração percursora de Garrett Herculanó, já herdeira de um conjunto e transformações com raízes nos finais do século XVIII. Os ideais do iluminismo e a sua explanação no âmbito das ideias carregadas de universalidade da Revolução Francesa, fazem acreditar que a nobreza deixou de ser uma forma de estar em sociedade mas é sobretudo uma forma de estar consigo mesmo. Esta inferioridade de valores obriga a uma defesa intransigente da liberdade como meio para se poder atingir uma felicidade, que influenciará a forma de se estar no mundo e com o mundo.

Essa postura, que levará à construção de uma nova e diferente nacionalidade, exige o pressuposto de uma igualdade entre todos os seus potenciais construtores.

É na defesa, na luta e na vitória desses valores que terá de assentar a identidade de uma Nação, seja ela uma Grécia que se emancipa de impérios ultrapassados, seja uma Itália ou Alemanha que vêem na unificação a

forma de uma nova / velha expressão de liberdade, seja uma França ou um Portugal que procuram construir novos Países sobre as ruínas de sistemas anquilosados. Lateralizar estes princípios

e estas ideias até uma descolonização do continente americano é compreender que há convicções que não se podem prender em gaiolas, mesmo que isso custe a passadistas colonizadores. Não podemos evitar que outros queiram valores que defendemos e que ultrapassam as fronteiras de qualquer nacionalidade pois são universais. Exemplificando : não podemos evitar que os brasileiros se tornem independentes (1821) baseando-se nos mesmos valores que justificam uma revolução liberal em 1820 ou uma guerra civil em 1832-1834.

Este enquadramento torna-se importante se queremos perceber o trajeto cultural paralelo que Portugal conhece durante esta fase. Porque não é possível viver (ou mudar) sem ideias, é na luta pelo seu triunfo e pela sua expressão livre que devemos compreender, depois, o manifesto da obra de Garrett.

GARRETT VIVEU NUMA ÉPOCA PARTICULARMENTE RICA EM TRANSFORMAÇÕES E FOI VERDADEIRAMENTE FILHO DESSA ÉPOCA

² LOURENÇO, Eduardo - Nós e a Europa ou as duas razões. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988, p. 19-20

Os finais do século XVIII e inícios do XIX são marcados por um trajecto cultural que vai da caça ao jacobino - protagonizada pela figura omnipresente do Intendente da Polícia - à nova elite representada pelos constituintes de 1820, empenhados em transformar Portugal num país onde se tivesse orgulho em viver de acordo com uma nova ordem, civilizada, assente na liberdade, na instrução e no trabalho.

Liberais, a grande maioria dos intelectuais aposta

na nova relação entre indivíduo e país através da prática da cidadania, na possibilidade da intervenção cívica, na necessidade de alargamento e consolidação dos espaços de acção política. Liberais, eles procuram os modos de concretizar o progresso material e acompanhar as economias liderantes da Europa nos processos de modernização em curso. Mas, como tornar efectiva a mudança institucional ocorrida com o fim do regime político absolutista e a emergência do constitucionalismo parlamentar, uma civilização? - Pela criação do cidadão, pelo fomento da instrução, pelo exercício das liberdades e direitos cívicos. Como alcançar a prosperidade do material? - Acompanhando a Europa em fase de industrialização, aproveitando - agora que o Brasil se tornou independente - os recursos continentais. Como sustentar o curso da decadência pátria? - Ultrapassando quer política, quer cultural, quer economicamente, os sucessivos bloqueamentos que travavam desde o fim da expansão marítima - ou, segundo alguns desde a própria expansão - a evolução do País.

OS FINAIS DO SÉCULO XVIII E INÍCIOS DO XIX SÃO MARCADOS POR UM TRAJECTO CULTURAL QUE VAI DA CAÇA AO JACOBINO À NOVA ELITE REPRESENTADA PELOS CONSTITUINTES DE 1820

Com estes grandes problemas estruturais, formulados naturalmente de formas diversas segundo as escolas doutrinárias e as conjunturas históricas, se defrontam os intelectuais oitocentistas mais activos e ideologicamente fecundos, e a centralidade desses problemas é sentida de tal forma que a sua discussão tem quase invariavelmente como enquadramento simbólico o tema da sobrevivência da

Pátria. Exemplificativo a este nível é a permanência de Camões: desde o quadro do pintor português Domingos Sequeira 1768-1837) que no exílio em Paris apresenta em 1825 *A Morte de Camões*, até ao

poema *Camões* publicado por Almeida Garrett também no exílio em Paris, ao aproveitamento do tricentenário da morte do poeta para os republicanos se apresentarem como alternativa em 1880, ano da publicação, ainda, da última versão de *O Crime do Padre Amaro* onde Eça de Queirós contrapõe ao vazio do político e dos dois padres, a imagem nobre e terrível de Camões, rodeado "dos cronistas e dos poetas heróicos da antiga pátria- pátria para sempre passada".

A recordação de um passado glorioso perante a incerteza do futuro é, pois, uma das ideias fulcrais do Portugal oitocentista que faz parte de um processo de autognose do País que Eduardo Lourenço baliza entre o poema *Camões* de Almeida Garrett (1825) e a *Mensagem* de Fernando Pessoa (1934).

Em síntese, todos os interessados numa nova identidade portuguesa terão de apostar numa estabilidade po-

lítica e numa monarquia constitucional sem radicalismos populistas; terão de defender uma sociedade onde seja possível a coexistência entre liberais e miguelistas, entre barões e frades; terão de ser arautos do progresso, da industrialização, das vias de comunicação e de uma efectiva e radical alteração económica; terão de pugnar por valores do património nacional com uma maior aproximação entre o intelectual e o povo; terão, finalmente, de sentir que só através da educação se poderá formar o verdadeiro cidadão reivindicativo, acabando com a subservidência e o caciquismo.

Garrett não foi indiferente a este novo enfoque do Portugal oitocentista e deixará no seu tempo as marcas do seu empenhamento embora também de algumas contradições.

3. A participação de Garrett na construção de um novo país

É inquestionável o contributo de Garrett para a sociedade do seu tempo. Deixemos o contributo literário para os especialistas e centremo-nos no espaço que a História de Portugal oitocentista lhe reservou pelo significado que sempre assumiu para os seus contemporâneos.

3.1. Fundador e símbolo da cultura liberal

"(...) Na casa dos vinte anos, e no exílio, ele formula um programa estético-doutrinário que marcará todo o século. Interrogação sobre o ser e o destino da Pátria, anunciada em *Camões* (1825) e cujo mais belo e trágico desenvolvimento ocorrerá no *Frei Luís*

de Sousa (1843), com *Camões* e *D. Sebastião* por referências. Procura dos fundamentos da Nação, das suas energias aproveitáveis, anunciada em *D. Branca* (1826) - cuja principal novidade reside em que o tema provém da nossa história medieval e se tenta recorrer a uma mitologia cristã e nacional, em vez da greco-romana ('Disse adeus às ficções do paganismo / E cristão vate cristãos versos faço') - e que será plenamente desenvolvida nas *Viagens na Minha Terra* (1846) (...)." ³

A procura da nova identidade pátria assentará numa ressurreição das cinzas em que se transformou o País devido à sua história moderna, às convulsões do início do século XIX, à guerra fratricida de 1832-1834, à incompreensão dos diversos grupos sociais, à "morte dos frades". Ao radicalismo e à ausência de tolerância e compreensão. Urge o renascimento de uma Nação impregnada de valores patrimoniais imorredoiços, onde naturalmente se destaca o património literário popular que ele procurará eternizar no *Romanceiro* e *Cancioneiro Geral* (1843). Mas uma Nação onde se podem descortinar símbolos de esperança, bastando para isso percorrê-la e estar atento ao que nos rodeia: seja a crença num futuro esperançoso personificado em Joaninha, seja a honradez de sentimentos identificada com Georgina, seja ainda a coexistência pacífica entre cristianismo e liberalismo visível na relação entre os Carlos e os Freis Dinis. Para que todos estes desejos se transformem em realidade há que fazer sacrifícios - "(recordei-me amargura e desconsolação, dos tremendos sacrifícios a que foi condenada esta geração. Deus sabe para quê, Deus sabe se para expiar as faltas de

³SILVA, Augusto Santo: *Palavras para um País*. Oeiras: Celta Editora, 1997, p. 3.

nossos passados, se para comprar a felicidade de nossos vindouros." ⁴

Mas há sobretudo que acreditar nas potencialidades de um País inigualável – "(...) Cá estamos num dos mais lindos e deliciosos sítios da terra: o Vale de Santarém, pátria dos rouxinóis e das madressilvas, cinta de faias belas e de loureiros viçosos. Disto é que não tem Paris, nem França nem terra alguma do Ocidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas, tantas coisas que nos faltam (...)." ⁵

3.2. Defensor de uma ressurreição política sem radicalismos

"(...) Deus seja com....

– Com quem, minha irmã?

– Com quem tiver justiça.

– Nenhum a tem. De um lado e de outro está a ambição e a cobiça, de um lado e de outro a imoralidade, a perdição e o desprezo da palavra de Deus. Por isso, vença quem vencer, nenhum há-de triunfar.

– Ai o meu pobre filho, o meu Carlos!

– Isso, irmã Francisca, isso! Peça a Deus que dê a vitória a seu neto, e à sua impiedade por que ele combate. Peça a Deus que vençam os inimigos declarados do seu nome, destruidores de seus altares, os profanadores de seus templos... Oh! que dia belo e grande não há-de ser esse, quando Carlos... o seu Carlos, vier expulsar, às baionetadas, do pobre convento de São Francisco, o velho guardião que lhe não há-de fugir, minha irmã! ...

– Dinis!... Padre!... Padre Fr. Dinis,

que horrorosas palavras saem da sua boca!... Meu neto, o meu Carlos não é capaz..." ⁶

A luta entre o velho e o novo Portugal será inevitável, mas certa será também a vitória da tolerância e a abolição do radicalismo. Para os protagonistas de uma época eivada de mudanças e de contradições, é muitas vezes difícil guardar a distância necessária a uma análise mais rigorosa e menos afectiva. Algumas vezes Garrett cairá nas malhas da opinião radical e fácil – "os barões... são a moléstia deste século"-mas, na maioria das vezes mostra-se mais tolerante, mais generoso e mais disponível para aceitar a inevitabilidade da construção de um País onde todos devem ter um lugar: "(...) Os tempos são outros hoje os liberais já conhecem que devem ser tolerantes, e que precisam de ser religiosos: (...)" ⁷

A consciência do longo caminho que importa desbravar assenta na compreensão das marcas que a difícil gestação do liberalismo provocou. Ele próprio soldado no exército que vem da Terceira resgatar o País das trevas do miguelismo transformar e militante de caneta na mão para ajudar Mouzinho a transformar em palavras as promessas da mudança, dará mostras da magnanimidade que os vencedores terão de exteriorizar para tomar possível esse ansiado liberalismo: "(...) Toda a guerra civil é triste. E é difícil dizer para quem mais triste, se para o vencedor se para o vencido. Ponham de parte questões individuais, e exami-

⁴ ALMEIDA GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de – Viagens na Minha Terra. Lisboa: Editores Reunidos, 1995. p. 70 (Cap. VIII).

⁵ Ibidem, p.80 (Cap. IX).

⁶ Ibidem* p. 148 (Cap. XVIII).

⁷ Ibidem, p. 304 (Cap. XL).

nem de boa fé: verão que, na totalidade de cada facção em que a nação se dividiu, os ganhos, se os houve para quem venceu, não balançam os padecimentos, os sacrifícios do passado, e menos que tudo, a responsabilidade pelo futuro (...) ⁸

É claramente essa a meta: uma sociedade nova onde os vencidos não sejam espezinhados e os vencedores não se mostrem arrogantes.

3.3. Defensor de uma economia "humanizada"

"(...) Plantai batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, macadamizai estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarolas de Ícaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, maçuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tão diferente do que a hoje vivemos. Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai. - No fundo de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? (...) Logo a nação mais feliz não é a mais rica (...)." ⁹

O século XIX é por excelência a época da industrialização, do capitalis-

mo financeiro, dos mercados internos, multilateralismos das trocas, da multiplicação de empresas nacionais e multinacionais, do vapor e mais tarde do petróleo e da electricidade,... mas também da *Besta Humana* de Zola e de *Os Miseráveis* de Victor Hugo. O romantismo de Garrett é generoso na aceitação da mudança mas está muito atento à necessidade de se salvaguardarem os valores essenciais do Homem. Para ele tem de haver compatibilidade entre a crença no indivíduo que é capaz de escolher uma forma de governo mais justa e a possibilidade de ele ter uma vida melhor. Não se pode deixar de ser explorado politicamente e passá-lo a ser economicamente. Esta visão humanizada de uma economia que, tal como *O Príncipe* de Maquiavel, preteria muitas vezes os meios em função dos fins, sempre foi uma bandeira de Garrett.

3.4 Defensor de uma educação diversificada e generalizada

A capacidade de intervenção política e de reivindicação económica passava pela existência de cidadãos que substituíssem a plebe do antigo regime. O liberalismo teria de ser construído por pessoas atentas, civilizadas e educadas. Essa educação, que teria de partir da realidade portuguesa – "eu tenho que nenhuma educação pode ser boa se não for eminentemente nacional" –, devia, por isso, basear-se nos pressupostos inquestionáveis da liberdade, que Garrett vai beber em Rousseau:

"(...) 1 - A liberdade é característica da especificidade do ser humano e condição de felicidade dos povos; 2 -

⁸ Ibidem, p. 70 (Cap. VIII).

⁹ Ibidem, p. 32 - 33 (Cap. III).

É no processo histórico-social que se dá a sua perda; 3 - É a ignorância que condiciona essa perda e, obviamente, a educação que garante a sua manutenção ou reconquista em termos individuais ou sociais; 4- Liberdade e igualdade são dois conceitos essenciais à natureza humana e fundamentais a uma autêntica vida social(...)".¹⁰

Este regresso a França no final da análise do papel de Garrett na sua época não deixa de ser curioso porque transmite ao seu pensamento um ar de estranheira, à primeira vista contraditório com a sua defesa intransigente dos valores nacionais. Aqui lembramos a afirmação de Eduardo Lourenço na sua vertente europeísta: a Europa é, por um lado, um modelo a imitar e, por outro, a razão do nosso desespero pela distância a que está de nós.

A contradição é no entanto mais aparente do que real. Na verdade, os valores desta época são pautados pela sua universalidade; valem porque têm raízes na nacionalidade mas só terminam no mundo. É pensando nesse mundo clássico mas sempre com potencialidades de ser diferente, que defende uma educação curricularmente abrangente e que passaria necessariamente pela parte Física, pela componente Moral e, naturalmente pela vertente Intelectual. São estas as áreas que defende no seu

Tratado Da Educação e no Plano de Reforma Geral dos Estudos que ajudou a redigir.

Ontem como hoje, a educação assume-se assim como o principal ponto de chegada e de partida para um mundo diversificado e onde todos tenham lugar. Onde os conteúdos, sendo importantes, não podem sobrepor-se aos valores, às capacidades e às competências. Em Garrett como no Relatório da Comissão para

a Educação no século XXI da Unesco¹¹, a Educação é a possibilidade de rentabilizarmos o tesouro que há em cada um. Com todos os tesouros se construirá o mundo, seja o do século de Garrett seja o que se aproxima.

É esta intemporalidade da mensagem de Garrett que toma o seu papel interveniente e crítico ainda mais representativo. Interveniente pela participação em momentos chave da história oitocentista (exército liberal de 1832-1834) ou pela elaboração de projectos para um País diferente (Teatro Nacional, Cancioneiro, Tratado Da Educação...). Crítico porque desejava que o *seu País* caminhasse mais rapidamente para os parâmetros de desenvolvimento europeu e para isso tornavam-se necessários mais actos e menos promessas'

"(...) Erramos e sem remédio. A sociedade já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era, mas muito menos ainda pode ser o que é. O que há-de ser, não sei. Deus proverá. (...)"

¹⁰ MACHADO, Fernando Augusto - Almeida Garrett e a Introdução do Pensamento Educacional de Rousseau em Portugal. Porto: Edições Asa, 1993, p.140

¹¹ EDUCAÇÃO: Um Tesouro a Descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão, Internacional, sobre Educação para o século XXI. Porto: Edições Asa, 1996.

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

Se assim o pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar. Escusada é a jura porém. Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não. Mas de metal!

*Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra."*¹²

Aqui termina esta minha viagem pelo Simpósio sobre Almeida Garrett. Da minha parte houve muito prazer nesta presença. Espero, sinceramente, que para os assistentes tenha resultado alguma utilidade e proveito.

4. Bibliografia

ALMEIDA GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de
Portugal na Balança da Europa
Lisboa: Livros Horizonte, 1978

ALMEIDA GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de
Viagens na Minha Terra
Lisboa: Editores Reunidos, 1995.

ALVES, Luís Alberto Marques
Cultura e Mentalidade Social (1870-1898)
Madrid: Asociación Española del Profesorado de Historia y Geografía, 1997.

EDUCAÇÃO: *Um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*
Porto: Edições Asa, 1996

LOURENÇO, Eduardo
Nós e a Europa ou as duas razões
Lisboa: Imprensa Nacional, 1988.

MACHADO, Fernando Augusto
Almeida Garrett e a Introdução do Pensamento Educacional de Rousseau em Portugal
Porto: Edições Asa, 1993.

SILVA, Augusto Santos
Palavras para um País
Oeiras: Celta Editora, 1997.

¹² ALMEIDA GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de -*Viagens na Minha Terra*, Lisboa: Editores Reunidos, 1995. p.356 - 358 (cap. XLIX)